

Hospital Carlos Chagas

O DESCASO com o Hospital estadual Carlos Chagas começa pelo estado da placa

Médicos do laserj jogam a toalha

Equipe se declara eticamente
incapacitada de manter atendimento

Maria Elisa Alves e Taís Mendes

Sem 92% dos medicamentos no estoque, sem metade dos leitos em operação e sem a emergência — o setor foi fechado há três semanas — os médicos do Instituto de Assistência dos Servidores do Estado do Rio (laserj) decidiram ontem, alegando estado de calamidade, se declararem incapacitados para atender os pacientes conforme o Código de Ética Médica exige. Em anúncio publicado hoje, o Sindicato dos Médicos e a Associação de Funcionários do laserj responsabilizam as autoridades estaduais por possíveis danos que venham a ser causados.

Segundo o diretor da unidade central do laserj, Néelson Ferrão, os médicos não podem mais atender os pacientes com segurança. Como não há remédios, os parentes dos 70 internados têm sido obrigados a comprar medicamentos. Por falta de pagamento, a manutenção dos equipamentos não tem sido feita. Dos cinco aparelhos de raios-X existentes, apenas um está funcionando, e, mesmo assim, em poucos casos, já que também faltam filmes.

— Declaramos que estamos impedidos eticamente de atender para dar respaldo à equipe. Não podemos ser responsabilizados pelo que acontecer por falta de condições de atendimento — lamenta Ferrão, em cuja unidade são atendidas cerca de 1.300 pessoas por mês na emergência.

Um hospital com jeito de favela

• Segundo o presidente do Sindicato dos Médicos, Jorge Darze, a situação no laserj é grave.

— É a primeira vez que os médicos tomam uma atitude como esta no estado. Até 1999, todo servidor contribuía com 2% do salário para o laserj. O governador Garotinho suspendeu isso, piorando ainda mais as condições do hospital — disse ele.

Mas não são apenas as unidades do laserj que estão com problemas. Considerado um dos piores da rede, segundo levantamento da Alerj, o Hospital estadual Albert Schweitzer, em Realengo, está sucateado. Além dos dois pavimentos desativados há pelo menos cinco anos, a fachada de 11 andares é repleta de janelas quebradas e revela o improviso: as grades das varandas se transformaram em varais, repletos de roupas de cama dos pacientes penduradas. No Carlos Chagas, em Marechal Hermes, também da rede estadual, a fila de pacientes na porta revela a precariedade, desta vez no atendimento que, segundo usuários e funcionários, vem sendo prejudicado pela falta de investimentos.

— Aqui a maioria dos médicos é cooperativada. Todo dia falta um médico de uma das especialidades — contou uma funcionária que pediu para não ser identificada.

A longa fila diária da emergência revela a falta de especialistas. Com dores na coluna, a doméstica Maria de Fátima Silva aguardava ontem, em vão, pelo atendimento médico:

— Mandaram eu voltar outro dia porque meu caso não é de emergência. Expliquei que estou com muitas dores, mas disseram que hoje não poderão me atender — contou Maria, que esperou cinco horas pela resposta negativa.

Cinco horas, o tempo médio de espera

• Cinco horas é também o tempo médio de atendimento na emergência do Albert Schweitzer. A vendedora Cristina Vasconcellos Barros chegou ontem às 6h na porta do hospital e ao meio-dia não tinha sido atendida. Com dores abdominais e após a longa espera, Cristina desistiu e resolveu procurar outro hospital.

Ao lado do prédio já sucateado do Albert Schweitzer, a estrutura abandonada do antigo hospital Padre Olivério Kraemer, desativado desde 1982, é, na avaliação de pacientes e funcionários, uma ameaça à saúde pública. Segundo uma funcionária, que não se identificou, o prédio de sete andares virou um verdadeiro pombal.

— Prometeram ocupar o antigo prédio com uma maternidade, mas até hoje nada foi feito lá. O prédio sequer é limpo e já se transformou em ninho de pombos e outros bichos — contou.

Segundo o deputado Paulo Pinheiro, membro da Comissão de Saúde da Alerj, o prédio foi desativado no dia da inauguração do Albert Schweitzer:

— Fecharam para iniciar uma reforma e nada fizeram. O Albert Schweitzer tem pelo menos 200 leitos desativados. Isso porque a unidade não tem pessoal para trabalhar — denunciou o deputado.

A Secretaria estadual de Saúde informou, através de sua assessoria de comunicação, que está respondendo pelo laserj, que antes era ligado à pasta de Administração, há menos de um mês e está fazendo um levantamento dos problemas existentes a pedido da governadora Rosinha Matheus. Em relação ao Hospital Albert Schweitzer, a secretaria informou que há 317 leitos funcionando e que a obra para aumentar a capacidade da unidade em mais 213 leitos, parada há 11 anos, está na previsão orçamentária de 2004. O hospital atende, segundo a secretaria, diariamente 1.600 pacientes na emergência e no pronto-atendimento. O Carlos Chagas tem 197 leitos funcionando e atende a 800 casos de urgência diariamente e 300 pessoas nos ambulatórios de clínica médica, pediatria e ginecologia. ■

• REDUÇÃO DE REPASSES
AFETA CIDADES DO INTERIOR
na página 18



AS GRADES das varandas do Hospital estadual Albert Schweitzer, em Realengo, servem de varal improvisado para lençóis e cobertores de pacientes (acima). Na fachada de 11 andares, repleta também de janelas quebradas, a roupa de cama dos doentes toma sol exposta à poeira. Em mau estado de conservação, as grades que já caíram foram substituídas em alguns trechos por compensados de madeira (ao lado)